

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E GEOGRAFIA: UMA PRÁTICA DESVELADORA

Tales Wellington Cunha Felix ¹

RESUMO

Este trabalho é resultado final de uma pós-graduação em Educação Ambiental (EA) que discute a relação entre a EA e a Ciência Geográfica em turmas do ensino fundamental, práticas sugeridas no “Programa Parâmetros em Ação: Meio Ambiente na escola”. A partir do instrumento aplicado em sala de aula tecemos discussões ligadas a EA juntamente com a disciplina de geografia. Compreendemos que apesar de exercerem entre si uma relação importante a Geografia não pode se destacar como a disciplina responsável pelo tema na escola. A EA se destaca positivamente como um tema transversal, garantido pelos documentos oficiais, e deve ser desenvolvida por todas as disciplinas nas instituições de Ensino Básico. Realizamos uma pesquisa com alunos, produzindo conjuntamente materiais como fichas de avaliação, que possibilitaram a compreensão da importância de se realizar este trabalho em sala de aula, de modo a romper com a ideia dicotomizada ser humano e natureza.

Palavras-chave: Educação Ambiental, Geografia, Programa Parâmetros em Ação.

INTRODUÇÃO

A educação ambiental (EA) vem sendo discutida, ao longo do tempo “num contexto derivado do uso inadequado dos bens coletivos planetários em diferentes escalas espaço-temporais (PEDRINI, 1997, p.22) como um meio de efetivar uma postura sustentável da sociedade. Está incluída nos parâmetros curriculares nacionais (PCN’s), do ministério da Educação (MEC), programa Parâmetros em ação – Meio ambiente na Escola, de 5ª a 8ª série, como tema transversal e deve ser trabalhada na educação formal com as diversas disciplinas que compõem o currículo escolar. Nessa perspectiva, a Escola configura-se, mais uma vez, como um espaço privilegiado para a construção da educação Ambiental, e, a geografia, uma ciência oportuna para discussões pertinentes, no entanto, é possível questionar como tem sido sua prática e se essa prática tem contribuído para uma mudança de postura que favoreça a construção de uma sociedade sustentável. No e do encontro entre Geografia e Educação ambiental é que surgiram as principais inquietações que alimentam essa pesquisa. A questão direcionadora desse trabalho se assenta sobre a prática da educação Ambiental por meio do

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Mestre em Educação (UFES) com ênfase em Educação Ambiental, talesw2@hotmail.com;

ensino de Geografia, testando a metodologia proposta pelo MEC através do “Programa Parâmetros em Ação, Meio Ambiente na Escola” (BRASIL. MEC, 2001).

Tem-se claro que a questão ambiental perpassa a ciência geográfica, fazendo-se também presente nas discussões das mais diversas áreas, razão pela qual se entende não é apenas pela Geográfica que se torna possível dar sentido à Educação Ambiental. Entretanto, as discussões dessa ciência e de seu objeto de estudo corroboram para uma práxis favorável à construção de uma Educação Ambiental que suscite mudanças na sociedade pelo indivíduo e, pela sociedade, no indivíduo.

As questões ambientais fazem parte do cotidiano da comunidade, do aluno e das discussões da geografia, justamente por seu caráter universal. Por meio do ensino de Geografia é possível inserir as Propostas de Educação Ambiental, há muito delineado, no mundo real daqueles que estão direta e indiretamente envolvidos no processo formal e informal de Educação. Nesse processo, não existe exclusividade de conhecimento, assim como a disciplinaridade não contribui para um olhar capaz de aprender as relações de uma forma mais ampla em sua complexidade. Tal fato reforça a necessidade de se consolida o perfil interdisciplinar da EA. Ela requer um trabalho interdisciplinar no qual a Geografia tem muito a contribuir, uma vez que suas metodologias, conteúdos e práticas favorecem o envolvimento dos sujeitos com o espaço.

Essa interdisciplinaridade requerida pela Educação Ambiental contribui para a superação do fracionamento na leitura de mundo, legado que a ciência moderna nos deixou como prática de pesquisa e de ação docente. Reforça-se a necessidade de se pensar de modo complexo e com o complexo (MORIN, 2015), buscando a contribuição de todas as áreas (disciplinas escolares), inclusive da Geografia, valendo-se de sua análise sobre as intervenções no território, na região, no lugar, na paisagem, no espaço geográfico. Através da ciência geográfica pode-se revelar os diversos espaços de significados que assinalam os movimentos de uma sociedade se organizando e reorganizando durante todo o tempo. Nesse movimento não linear, essa sociedade imprime a falta de cuidado com seu meio, amparando-se num modelo de desenvolvimento presumidamente ascendente e infinito, embora amparado em recursos finitos. Mas não é essa minha discussão, apesar do encantamento que o tema traz e a despeito de, dessa maneira, propositalmente, deixar lacunas que provoquem o leitor para outros tempos e espaços. E, de certa forma, volta-se, assim, ao que é pretendido: uma Educação Ambiental que considere a análise dos paradigmas que a sociedade adota ao longo de seu fazer social e que tem deixado para esse tempo, um conjunto numeroso de consequências.

METODOLOGIA

Como metodologia desse trabalho, optou-se por aplicar, em uma escola de ensino fundamental e médio, em Vitória/ES, práticas sugeridas no “Programa parâmetros em ação, meio Ambiente na escola” (Brasil. MEC, 2001), cujo guia de atividades para sala de aula, fez parte do material entregue pelas Secretarias Estaduais e Municipais de Educação às escolas para.

[...] favorecer a leitura compartilhada, o trabalho conjunto e solidário, a aprendizagem em parceria, a reflexão sobre atitudes e procedimentos diante das questões ambientais como conteúdos significativos de ensino e aprendizagem [...]. Dessa maneira o programa se propõe a trabalhar a temática ambiental nos currículos, no convívio escolar e por meio de projetos de Educação Ambiental inseridos no projeto educativo da escola, bem como na comunidade (BRASIL. MEC, 2001.p 7).

Para o desenvolvimento dos trabalhos na escola na perspectiva de um estudo e caso, inicialmente, reorganizei a proposta sugerida pelos Parâmetros em Ação: Meio Ambiente na Escola, de 5ª a 8ª série de forma que as atividades desenvolvidas refletissem melhor a realidade da Escola. Num segundo momento, fui à escola para conversar com a Pedagoga e o professor cederia as aulas para aplicação do Projeto. Tudo certo era hora de começar.

Os Projetos de Educação Ambiental sugeridos no Guia, especificamente o “Projeto Diversidade de Ambientes” foram, parcialmente, aplicados na 8ª série do Ensino Fundamental com a finalidade de avaliar a prática da Educação Ambiental por meio de ensino de Geografia no Ensino Fundamental. Para esse momento, optou-se por escolher as etapas indicadas no Guia que eram mais próximas a realidade investigada, o que foi oportunizado através de um trabalho de campo no bairro. Utilizei como roteiro de observação, quadros adaptados no Guia Metodológico para os Ambientes Urbanos, integrante do programa.

Como parte central do Projeto proposto, destacam a pesquisa de campo exploratória nos arredores da escola. Esse tipo de procedimento facilita a coleta de informações a respeito de um problema de investigação, pois, realiza a observação de fatos e fenômenos, no momento da coleta de dados. Tem perfil exploratório, pois, trata de uma

Investigação de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com ambiente, fato ou fenômeno, para realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos [...] (MARCONI e LAKATOS, 2007 p. 190).

Esta pesquisa adequou-se ao primeiro momento da investigação e orientou os alunos no contato com entorno de sua escola através de um diagnóstico auxiliado pelos estudos exploratório-descritivos combinados que facilitaram a descrição do fenômeno analisado. Nesse

momento, a observação foi muito importante e muito contribuiu para a compreensão de vários aspectos inerentes a comunidade próxima.

Na pesquisa de campo, o tipo de observação utilizada foi assistemática, com auxílio de quadros para observação e anotações. Os alunos foram orientados a observar a situação ambiental. Esse roteiro de observação não foi rígido, o que facilitou registros além daqueles delimitados.

Outra técnica de pesquisa utilizada foi à entrevista para obtenção de informações junto aos alunos participantes do projeto. Ela facilitou a coleta de dados e foi fundamental para o diagnóstico do problema investigado, caracterizando-se, portanto, como um importante instrumento de pesquisa. Para essa investigação, foi utilizada a entrevista não-estruturada.

Afinal de cada aula, os alunos percebiam uma ficha avaliativa para atividades desenvolvidas nesse período. A pretensão era a de avaliar as atividades estavam sendo aplicadas a partir do olhar do aluno. Da mesma, foram entregues fichas avaliativas para o professor regente. Esses documentos foram essenciais para o alcance do objetivo desta investigação. Para o trabalho de campo utilizei de uma ficha específica que avaliou apenas essa atividade.

Todo esse instrumental investigativo contribuiu para o alcance dos resultados pretendidos, possibilitando a realização do objetivo desse trabalho além de proporcionar maior interação com as propostas feitas e sua prática no cotidiano escolar.

DESENVOLVIMENTO

Na tentativa de se estabelecer conexões entre o ensino de Geografia e o de Educação Ambiental, aproveitando-se de experiências com ambas, é que surge a vontade que move essa pesquisa. Uma curiosidade aguçada pelas discussões realizadas durante as aulas de Geografia e pela enxurrada de notícias que os diversos tipos de mídias veiculam sobre o meio ambiente. Refletindo sobre o encontro da Geografia a Educação Ambiental, considerei a importância de fazer uma discussão entre essas áreas, no intuito de estabelecer bases teóricas e reforçar seu sentido de urgência. Destacando nessa discussão, uma Educação Ambiental “(...) como um meio educativo pelo qual se podem compreender de modo articulado as dimensões ambiental e social, problematizar a realidade e buscar as raízes da crise civilizatória” (LOUREIRO, 2004, p. 71).

A geografia encontra-se com a Educação Ambiental na medida em que se estabelecem espaços para estudos e discussões referentes à compreensão das conexões e inter-relações existentes entre a sociedade e a natureza, com a natureza. Seus instrumentos e técnicas de

estudos oportunizam uma ampla interpretação, utilização e aplicação a favor de uma nova sociedade e de um novo movimento dessa sociedade sobre a superfície que garanta um caminho sustentável. Também lhe é peculiar o aprofundamento que seus temas permitem sobre as questões ambientais, favorecendo, dessa forma, discussões sobre as diretrizes da EA.

Dedica-se as reflexões sobre os conflitos sugeridos a partir de interesses de escalas diversas o que permite uma compreensão do local, do nacional e do global, algo extremamente favorável ao desenvolvimento de uma Educação Ambiental que se ultrapassa, por vezes, a segmentação das questões ambientais. A geografia, portanto, é um campo da ciência que se relaciona diretamente as discussões da Educação Ambiental, assim como as demais ciências. Não estou defendendo uma exclusividade de discussões, apenas reforço que a Ciência Geográfica, a Educação Ambiental encontra campo vasto e fértil para desenvolver-se, uma vez que o Ensino Geografia, como já citado e apenas reforçando, permite o estudo das complexidades das relações estabelecidas ao longo do tempo entre a sociedade com a natureza reforçando os processos de interação da natureza e da produção do espaço geográfico, pois é no espaço que se imprimem as marcas de cada tempo. É pela tríade: espaço, sociedade e natureza que evidenciamos os problemas ambientais e a necessidade de uma retomada de rumos sustentáveis, como a Educação Ambiental vêm propor.

Reforço, portanto, que o Ensino de Geografia é uma oportunidade para a práxis da Educação Ambiental, facilitando uma compreensão ampliada sobre o fato de que

Toda sociedade, toda cultura cria, inventa, institui uma determinada ideia de que seja natureza. Nesse Sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens. Constituiu um dos pilares traves do qual os homens erguem as suas relações sociais, sua produção material e espiritual, enfim, sua cultura (PORTO GONÇALVES, 2008, p. 23).

Nessa percepção, de que o conceito de natureza é ao mesmo tempo criação e base para as relações sociais, é possível identificar a diversidade de concepções sobre natureza. Cada sociedade compreende e concebe a natureza de uma forma peculiar que nem sempre pode ser generalizada. Mais uma vez, as propostas tanto da Educação Ambiental como da Geografia compreendem, em sua prática diária, essa diversidade reforçando que nada está separado. O estudo que se faz do espaço é um estudo das relações em que as questões ambientais tornando-se relevante na compreensão do meio. De ante de tal fato, é preciso retomar o conceito de ambiente como “Uma racionalidade social, configurada por comportamentos, valores e saberes, como também por novos potenciais produtivos” (LEFF, 2001, p. 224).

O Ensino de Geografia facilita o encontro do aluno com seus passos geográficos, dando sentido às discussões sobre Meio Ambiente que é também espaço geográfico. É importante que o aluno compreenda seu papel participante nos processos históricos e no universo geográfico para entender também sua participação nas mudanças que estão diretamente ligadas a um sistema complexo de relações e interações. Portanto, a EA e a Geografia estão intimamente correlacionadas, essa parceria do ambiental e do espaço geográfico, facilita a compreensão para a ação além de um ecossistema natural, analisando e atuando sobre um espaço de relações que foi historicamente configurado e movido por conflitos, tensões e interesses sociais e ambientais, para não me prolongar mais nessas discussões.

Considera-se para as discussões dessa pesquisa, uma Educação Ambiental que se torne

[...] uma das possibilidades de reconstrução multifacetada não cartesiana do saber humano. Isto é, uma EA considerada como saber construído socialmente e caracteristicamente multidisciplinar na linguagem e transdisciplinar [...] Deve ter por fim o questionamento de hábitos, posturas, condutas e atos que estejam permanentemente em aperfeiçoamento, buscando progresso de suas comunidades identificadas com os objetivos mais legítimos de suas nações (PEDRINI, 1997, p. 15-16).

Essa é a diretriz desse trabalho, principalmente, no que se refere às atividades desenvolvidas na escola. A proposta segue um perfil de construção do saber pelo próprio aluno a partir do seu lugar, do local para o geral, interligando os saberes que, por vezes, encontram-se dispersos ou desconexos. Nesse sentido, dialogamos com a ecologia de saberes de Santos (2007) para possibilitar a produção de novos saberes que dialogam entre si, aqueles produzidos pela ciência moderna, pela práxis e pelos saberes-fazer cotidianos.

No saber pela prática, possibilitado pela pesquisa de campo e experiências em sala de aula. Um saber que não se esgota em um movimento e exige continuação para que se torne experiência. Quando destaca Larrosa (2002, p. 154) “experiência é o que nos passa ou o que nos acontece, ou o que nos toca”. É através dela que se torna possível uma mudança de hábito, posturas, condutas e atos, pois ela oportuniza um encontro com aquilo que se já experimentou, tornado experiência, pelo fazer pensado, trabalhado e sobretudo, ressignificado. A EA, portanto, deve ser experimentada não apenas como um lúdico, mas como uma experiência significativa, transformadora da vida e da ação no ambiente. Apenas com a experimentação e com a experenciação é possível garantir uma Educação Ambiental que transforme uma sociedade para que ela indique melhores caminhos para todos.

O caráter dinâmico e integrativo da Educação Ambiental deve contribuir para esses novos direcionamentos. Telles (2002) destaca que a EA se caracteriza por um processo contínuo no qual todos participam na resolução dos problemas. É transformadora e participativa,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

facilitando mudanças de atitudes, indo além das atividades da escola, por que é abrangente e globalizadora traçando caminhos pela educação informal. É, por fim, tem caráter permanente e deve ser contextualizada conforme a realidade de cada comunidade, não abandonando para tanto, uma visão mais geral sobre que se discute.

Complexidade parece ser um conceito que está em todas as discussões acerca de Meio Ambiente e consequentemente da Educação Ambiental. Aquele pensamento linear e cartesiano já não tem mais espaço nas propostas transformadoras, e emancipatórias e contínuas que essa sociedade requer. Loureiro chama atenção sobre o que é Educação Ambiental transformadora, para ele

É aquela que possui um conteúdo emancipatório, em que a dialética entre forma e conteúdo se realiza de tal maneira que as alterações da atividade humana, vinculadas ao fazer educativo impliquem mudanças individuais e coletivas, locais e globais, estruturais e conjunturais, econômicas e culturais (LOUREIRO, 2006, p.89).

A discussão de Loureiro pode ser diluída, parcialmente, nas definições do Programa Nacional de Educação Ambiental (ProNEA), dos Ministério do Meio Ambiente e da Educação (BRASIL, 2005, p.37) que traz a concepção do meio ambiente como totalidade interdependente “entre o meio natural e o construído, o socioeconômico e o cultural, físico e o espiritual”. Acredita-se na Educação Ambiental com possibilidade complementar de transformação da sociedade, mas ela não deve ser o único caminho. Considere-se para a investigação proposta as características de complexidade, experiência e vivência dada a Educação Ambiental.

O tema Meio Ambiente sempre esteve ligado às discussões feitas no ambiente escolar, mesmo que de forma solta ou superficial. Sua abordagem é intrínseca, por exemplo, a disciplina de Geografia e Biologia. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais é considerado como Tema Transversal, ultrapassando o conhecimento fragmentado.

A EA surgiu em um contexto de usos inadequados dos recursos naturais, amparando-se em diversas discussões, como é o caso da conferência de Estocolmo na Suécia em 1972. Naquele momento, a EA carregava o caráter de “salvar o mundo” dos seus problemas ambientais. Era preciso capacitar os professores e definir recursos. Foi em 1977 que a EA ganhou maior destaque numa Conferência Intergovernamental realizada em Tbilisi (Geórgia). Nesse encontro, estabeleceram-se os objetivos, funções, estratégia, caracterização, princípios e recomendações para a EA. Conforme Pedrini (1997) destaca, a partir dessa Conferência, foi definido que a EA, deveria

Basear-se na ciência e tecnologia para a consciência e adequada apreensão dos problemas ambientais. Deveria se dirigir tanto pela educação formal como informal a pessoas de todas as idades. E, tanto pela educação formal como informal a pessoas

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

de todas as idades. E, também despertar o indivíduo a participar ativamente na solução de problemas ambientais do seu cotidiano. Teria que ser permanente global e sustentada numa base interdisciplinar, demonstrando a dependência entre as comunidades nacionais, estimulando a solidariedade entre os povos da Terra. (...) (PEDRINI, 1997, p.28)

Para aquela época, a conferência de Tbilisi foi um marco histórico trajetória da EA no mundo, fazendo expressas, em suas determinações, diretrizes por muito tempo almejadas. Todas as práticas de EA convencionadas desde 1972 tiveram seu momento de avaliação na Conferência de Moscou em 1987, a partir disso estabeleceu-se um Plano de Ação para a década seguinte, década de 90.

Passaram-se vinte anos entre o encontro em Moscou e o Encontro do Rio de Janeiro, Denominado Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), em 1982. Nesse momento, mais uma vez se discutia EA, estabelecendo novas diretrizes e retomando outras.

Na Conferência do Rio, foram aprovados cinco acordos internacionais de grande importância: a Declaração do Rio sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Agenda 21, a Declaração de Florestas, a convenção-Quadro sobre Mudanças Climáticas e a Convenção sobre Diversidade Biológica. Além da aprovação da Carta Brasileira para a Educação Ambiental.

Como visto, num histórico brevemente apresentado e sem a intenção de ser exclusivo, a EA não é algo recente. No Brasil, conforme relata Pedrini (1997) ela foi citada pela primeira vez na Constituição Federal de 1988, mas sem conexão com seu caráter pedagógico foi instituída pela Lei Federal de nº 6.938, sancionada a 31 de agosto de 1981, que criou o Programa Nacional de Meio Ambiente (PNMA) em 1994 foi determinado a o IBAMA que elaborasse primeiro Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA). Em 1987 o Governo Federal reconheceu, através de um Parecer, o caráter interdisciplinar da EA e recomendou sua realização em todos os níveis de ensino. Em 1991 o Ministério de Educação baixou portaria recomendando a instituição da EA como conteúdo disciplinar em todos os níveis de ensino. Nesse contexto, surge como forma de favorecer trabalho dos docentes com as questões ambientais, o Programa Parâmetros em Ação, Meio Ambiente a Escola, de 5ª a 8ª séries: guia de atividades para a sala de aula. Esse programa, publicado em 2001 objetivou “Apoiar e incentivar o desenvolvimento profissional de professores e especialistas em educação, de forma articulada a implementação dos parâmetros e Referencias Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (...)” (BRASIL, p. 7,2001).

Reforçou-se, dessa forma o que havia sido consolidado nas diferentes Conferências sobre Meio Ambiente. A educação ambiental que veio indiretamente, ao longo do tempo, sendo

trabalhada juntamente com as questões ambientais ganha maior atenção com as propostas desse Programa.

Após a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais, a secretaria de Ensino Fundamental lançou um instrumento para implementá-los, o Programa Parâmetros em Ação, (...) Complementando pelo Programa parâmetros em Ação – Meio Ambiente na Escola que inclui entre seus materiais o Guia para atividades em sala de aula. Esse Guia oferece sugestões aos professores para que desenvolvam com seus alunos atividades voltadas para o desenvolvimento do tema Meio Ambiente atua como um complemento aos debates e reflexões propiciados aos educadores pelo Programa (...) (BRASIL. MEC, p. 9,2001).

Um material com sugestões variadas que compreendem as diversas disciplinas trabalhadas no currículo escolar e podem ser perfeitamente adaptadas a realidade da escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tentativa de avaliar as sugestões propostas pelo Guia do Programa Parâmetros em Ação - Meio Ambiente na Escola escolhi uma escola em que ele pudesse ser aplicado na disciplina de Geografia. Essa escolha amparou-se no fato já narrado anteriormente sobre o objeto de análise da Geografia que favorece as discussões pertinentes a Meio Ambiente. Primeiramente, deveria fazer uma adaptação das atividades sugeridas no Guia, que fossem mais próximas à realidade da Escola.

Considerando esse fator como o mais relevante, adaptei as atividades apresentadas no Guia, com maior enfoque sobre aquelas que indicavam práticas quanto a Diversidade de Ambientes. Também usei de atividades sugeridas sobre Biodiversidade e do Guia Metodológico para os Ambientes Urbanos, que balizou o Roteiro de Observação do Trabalho de Campo realizado com os alunos que participaram da pesquisa. Essas atividades, sugeridas pelo Guia:

São [...] de diferentes tipos, explorando as várias áreas de conhecimento, que podem servir de referência para a realização de diagnósticos e também ilustram maneiras de cada disciplina orientar o aprofundamento de questões do meio ambiente, ou definir abordagens interdisciplinares para certos temas.

[...]

No entanto, as atividades não devem ser vistas como uma coleção de ideias que possam ser implementadas de qualquer maneira: elas devem ser adequadas as reais condições dos estudantes. (BRASIL, p. 42, 2007.)

Como adaptar uma proposta, uma coleção de ideias, a realidade dos estudantes? Quais dessas propostas seriam mais representativas aos alunos escolhidos para a pesquisa? Perguntas

que direcionaram minhas escolhas e auxiliaram uma adaptação das atividades conforme o objeto de pesquisa.

As atividades sugeridas no Programa são bastante extensas o que indicou uma escolha, conforme a realidade da escola. Crucial também foi o tempo que eu tinha para aplica-las o que interferiu numa escolha da escolha, ou seja, para aquelas atividades oriundas de uma triagem, houve uma outra escolha. Assim, obtive após uma triagem das atividades, o projeto que segue.

Os alunos destacaram que com a aula puderam aprender um pouco mais sobre O Meio Ambiente, adquirindo novos conhecimentos ou reforçando aqueles que já possuíam o que, segundo eles, contribuiu para uma mudança de atitude.

Quando os alunos declaram que as atividades aplicadas reforçaram ou acrescentaram o que sabiam, tem-se um dos objetivos do Programa alcançado: refletir "(...) sobre as atitudes e procedimentos diante das questões ambientais como conteúdos significativos de ensino e aprendizagem (...)" (BRASIL, 2001. p. 7).

A metodologia favoreceu uma aproximação dos alunos com as questões ambientais, contextualizando-as e trazendo formas de aprendizagem dinâmicas e envolventes, questionadoras de um mundo que nem sempre é perceptível aos alunos e precisa ser reconhecido e interpretado para fundamentar ações responsáveis de todos. Somente nesse caminho e que o ensino e a aprendizagem tornam-se significativos aos docentes, quando eles se percebem como parte do processo, agentes capazes de transformação. Nesse momento,

O ensino somente por conteúdos, parece não satisfazer mais. Precisamos trabalhar com questões que evoquem a prática, a realidade contextualizada do aluno, com suas necessidades, seus interesses, suas tensões. É preciso trabalharmos de forma coletiva, (inter)relacionada. Na Geografia não deve ser diferente. E nem pode, afinal a Geografia é o cotidiano, e a paisagem, e a relação entre os sujeitos, e estes com os lugares, entre tantas outras variações possíveis (CASTROGIOVANNI, 2007, p. 22).

As diversas atividades propostas no Programa analisado favorecem práticas contextualizadas envolvendo os alunos no seu contexto social, facilitando a abordagem de questões ambientais pela sua dinâmica e sua articulação com a sociedade. Em suma, é um espaço oportuno para compreensões maiores sobre as relações que se fazem dia-a-dia e permitem operações concretas com esse espaço.

De forma geral, os alunos destacaram que a aula trouxe reflexões sobre a importância da vida das espécies, favoreceu um maior conhecimento sobre o meio ambiente e as reflexões acerca desse assunto, além de, incitar uma revisão dos seus atos como cidadãos.

Destaco e reforço que as atividades propostas e desenvolvidas são sugestões aos professores, e como tal, devem passar por adaptações que absorvam melhor a realidade de cada lugar.

A partir dos dados produzidos considero que a ideia construída a respeito de que a natureza está separada do homem foi superada ao longo do trabalho desenvolvido. Também reforço a necessidade desse programa ser algo contínuo no processo de ensino aprendizagem. Por mais que ele tenha sido aplicado pontualmente, fato que não permite uma avaliação mais delineada, é necessário torná-lo prática na Escola com cooperação de todos. Não necessariamente o programa, mas a prática da Educação Ambiental pode fortalecer a sociedade a partir da mudança de pensamento e a reflexão dos hábitos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática da Educação Ambiental é possível, a metodologia testada traz atividades interessantíssimas que dinamizam as aulas, envolvem os alunos, questiona, instiga, provoca. Pode ser o início de projetos maiores que mobilizem toda a escola. As atividades são riquíssimas e tem enfoque interdisciplinar. Promovem a participação dos alunos envolvendo-os na descoberta das causas reais dos problemas que fazem parte do lugar onde vivem e que se estendem as demais partes do Meio.

Portanto, ao final das investigações, é possível afirmar que a parceria entre Educação Ambiental e Geografia é um momento oportuno como processo dinâmico e interativo de caráter abrangente e contextualizado. E, que a metodologia testada, facilitou ou pelo menos iniciou momentos de conscientização, conhecimento, atitudes, capacidade de avaliação e participação, elementos requeridos tanto na Geografia como na EA. Indo além, e claro, desses dois campos, infiltrando-se por todas as áreas do conhecimento.

Todas elas devem considerar a totalidade, o processo, a abordagem interdisciplinar, a participação, o exame das questões e a promoção da cooperação. A Educação Ambiental está, afinal, dentro de todas as ciências. Não é exclusividade de nenhuma delas. Perpassa a dimensão seccionada dada ao conhecimento. Na Geografia ela se faz presente, mas não é sua exclusividade. A Geografia é, dentre as ciências, mais uma possibilidade da *práxis* requerida pela Educação Ambiental. E, como todo projeto tem um final e um recomeço: um processo contínuo, essas são apenas algumas ponderações que não esgotam tema nem pretendem ser finalizadas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. **Programa Parâmetros em Ação, Meio Ambiente na Escola:** guia para atividades em sala de aula-Brasília, 2001.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Educação Ambiental.** Brasília: 2005.

CASTROGIOVANNI, A.C. (Org.) **Ensino de Geografia:** caminhos e encantos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

GONÇALVES, C. W. P. **Os (des)caminhos do meio ambiente.** São Paulo: Contexto, 2006

GUIMARAES, M. **Caminhos da Educação Ambiental:** da forma a ação. Campinas, Sad Paulo: Papyrus, 2006.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação,** ANPED, São Paulo, n. 19, p. 20-28, jan/abr. 2002a.

LEFF, E **Epistemologia ambiental.** São Paulo: Cortez, 2001.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajatória e Fundamentos da Educação Ambiental.** São Paulo: Cortez, 2004.

MARCONI, M. A. LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica** São Paulo: Atlas, 2007.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo.** Tradução de Eliane Lisboa. 5ª. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEDRINI, A. G. (org.) **Educação Ambiental:** reflexões e praticas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SANTOS, B. D. S. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social.** Tradução de Mouzar Benedito. São Paulo: Boitempo, 2007.

TELLES, M. Q. et al. **Vivencias Integradas com o Meio Ambiente:** praticas de educação ambiental para escolas, parques, praças e zoológicos. São Paulo: Sa Editora, 2002.